

Sexualidade e Relações de Gênero 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)

Sexualidade e Relações de Gênero

3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S518	Sexualidade e relações de gênero 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 3) Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-609-6 DOI 10.22533/at.ed.096190609 1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série. CDD 306.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Talvez você já saiba o que são “relações de gênero”, talvez não. Para começarmos, é importante que saibamos do que estamos falando. A palavra “gênero” tem um uso muito variado. Em ambientes escolares, por exemplo, é comum que professores que trabalham com língua portuguesa falem de diferentes gêneros linguísticos ou textuais. Também falamos de gênero de música que gostamos; e, quando vamos ao cinema, escolhemos o gênero de filme que preferimos (comédia, drama, suspense, terror etc.). Aqui falaremos de outro conceito de gênero, mais especificamente trataremos de relações de gênero. palavra gênero designa as várias possibilidades construídas dentro de uma cultura específica de nos reconhecermos como homens ou mulheres. Assim, ser homem e mulher pode variar sensivelmente dependendo da época, do lugar e ainda dos valores sociais que norteiam as interações dos indivíduos numa dada sociedade. Falamos sempre de relações de gênero porque entendemos que a construção do feminino e do masculino acontece de forma relacionada e interdependente. É isso que vamos discutir. Nesse sentido, pensar como a condição juvenil também se expressa numa perspectiva de gênero, visto que os meninos e as meninas são interpelados a se afirmarem como homens e mulheres ao incorporarem atributos considerados masculinos ou femininos na cultura em que vivem. E isso tem tudo a ver com sexualidade e vivência das experiências sexuais. Papo que interessa muito aos jovens, não é mesmo?!

Em termos de políticas públicas, a partir da primeira década do século XXI, se intensificaram, em diversas áreas, iniciativas que contemplam o olhar dos direitos humanos e sexuais. Diante de tais iniciativas e outras conquistas da atuação do movimento civil, surge o discurso de tolerância e respeito às diversidades sexuais, que ganham cada vez mais visibilidade, em contraponto ao obscurantismo a que estavam submetidas outrora. Assuntos relacionados à sexualidade sempre foram vistos com muita cautela na escola. Desde formalizada sua inserção nesta instituição por meio do currículo, se deu o questionamento sobre os limites do público e do privado no que se refere ao sexo, o que tornou necessária uma série de ajustamentos para que este pudesse ser discutido no ambiente escolar. “As diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que formas de discrição é exigida a uns e outros” (FOUCAULT 1976/1999, p. 30) são questões que estão em jogo quando se trata da sexualidade. Não é somente por meio dos conteúdos curriculares formais que a sexualidade permanece na escola, mas está presente em diversas práticas pedagógicas, assim como em vivências de socialização que ocorrem neste espaço. Contextos historicamente construídos e conjunturas sócio-políticas estão imbricadas nas relações, práticas e discursos institucionais em que se tecem relações de poder, configurando um espaço singular no qual estão inseridos alunas e alunos. As maneiras como a escola, a família e a sociedade lidam com determinadas questões

influenciam na construção de queixas escolares que desabrocham como se fossem unicamente do sujeito que a veicula, mas no entanto são reveladoras de determinado contexto social e escolar. Assim, a sexualidade e, indissociadamente a esta, as relações de gênero, estão presentes nas diversas dimensões do cotidiano, e têm interfaces pedagógicas e psíquicas relacionadas à produção de queixas escolares. Nessa perspectiva, o sexo biológico (ou o corpo concreto) é apenas a definição das características corporais primárias e secundárias. Não são negadas as diferenças biológicas entre mulheres e homens, apenas consideram nas uma condição, e não uma limitação aos papéis sociais a serem desempenhados. Logo, gênero é uma categoria relacional, fruto de identificações subjetivas com determinado conjunto de papéis sociais, internalizados durante a vida, com significados de caráter histórico e social. Nessa perspectiva, a sexualidade pode ser compreendida como a expressão de sentimentos, desejos e prazeres, interpelados aos significados intersubjetivos que os sujeitos estabelecem a estes. Já as abordagens essencialistas consideram o sexo biológico como determinante do sujeito, ou seja, acreditam que as características relacionadas ao comportamento feminino/masculino e a sexualidade são definidas pelo sexo anatômico e combinam-se com este de maneira imutável. Uma compreensão essencialista do sexo “procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos” (WEEKS, 1999, p. 40). Nessa perspectiva, o sujeito que não cumpre o que é suposto determinado biologicamente, é, então, compreendido como desviante ao que seria natural. Das práticas pedagógicas curriculares, observa-se que normalmente a discussão acerca da sexualidade na escola se restringe a aulas específicas, de biologia ou educação sexual, e é abordada de maneira essencialista, focalizando a anatomia dos corpos de mulheres e homens. A prevenção de doenças sexualmente transmissíveis nas práticas heterossexuais e a reprodução humana são os principais temas, frequentemente ignorando outras dimensões da sexualidade, como o desejo e o prazer. Geralmente cinde-se a sexualidade dos aspectos práticos da vida e adequa-se a linguagem, conferindo à abordagem um formato cientificista.

Do mesmo modo, as diversas formas de expressar feminilidades e masculinidades precisam ser reconhecidas. A escola pode ser um dos lugares de alternativa ao modelo tradicional das relações de gênero, construindo e legitimando diversas possibilidades de vivência de gênero já desde a Educação Infantil, e assim contribuir para a promoção da liberdade e da diversidade nos âmbitos sexuais e de gênero, tanto no que se refere ao desenvolvimento individual quanto à formação para criticidade e transformação social. Demarcações de gênero não ocorrem somente na escola, mas também em outros espaços, como exemplo, na clínica, em que o psicólogo normalmente é tendencioso nas escolhas de brinquedos e materiais levados às sessões. Em tais circunstâncias, o profissional precisa estar atento aos limites do que está produzindo: um espaço de acolhimento, na tentativa de produzir um ambiente confortável à criança atendida que provavelmente já internalizou determinadas exigências de gênero do meio; e/ou uma situação que acaba operando

como coerção/ajustamento de gênero. As representações das relações de gênero e da sexualidade em nossa cultura interceptam a escola enquanto instituição, constituindo uma significação característica sobre gênero e sexualidade no contexto institucional escolar. Assim, a escola tem uma história com o controle dos corpos e a sexualidade que precisa ser levada em conta em suas interfaces sociais e políticas, para a análise no que tange as queixas escolares. A aluna e o aluno também têm uma história escolar, produzida na intercepção com os diversos funcionamentos institucionais. Ainda, ocupam lugares específicos e tecem relações singulares que se estabelecem no contexto da queixa em questão, produzindo situações únicas. A queixa escolar emerge, então, em determinado contexto, e é possível que haja uma dimensão no âmbito da sexualidade e do gênero a ser compreendida. Assim, ao compreender as dimensões individuais, sociais e políticas da queixa, o psicólogo pode atuar no sentido de fortalecer as potencialidades do indivíduo e de sua rede de relações frente às situações adversas. Além disso, a clínica pode ser um lugar de acolhimento para a dor do preconceito e expressividade de identidades marginalizadas em outros espaços. Na instituição escolar, é importante e imprescindível que os profissionais da educação contribuam na discussão sobre homofobia e sexismo, preconceitos que, mesmo em suas manifestações mais sutis, têm sido relevantes nas histórias escolares de diversas crianças e jovens.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SABERES E DILEMAS SOBRE SEXO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE	
<i>Solange Aparecida de Souza Monteiro</i>	
<i>Paulo Rennes Marçal Ribeiro</i>	
<i>Valquíria Nicola Bandeira</i>	
<i>Carlos Simão Coury Corrêa</i>	
<i>Andreza de Souza Fernandes</i>	
<i>Isabel Cristina Correa Cruz</i>	
<i>Fernando Sabchuk Moreira</i>	
<i>Ana Paula Sabchuk Fernandes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906091	
CAPÍTULO 2	14
A CONTRIBUIÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA FORTALECER O DIÁLOGO COM OS ADOLESCENTES SOBRE A SEXUALIDADE	
<i>Betânia Maria de Oliveira Amorim</i>	
<i>Luiza Maria Alfredo</i>	
<i>Maria Renally Braga dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906092	
CAPÍTULO 3	26
“AQUELA FOTO EM QUE ESTOU DE DOUTORA”: MEMÓRIAS DE MULHERES SOBRE INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO NO MARANHÃO NAS DÉCADAS DE 1950/1960	
<i>Tatiane da Silva Sales</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906093	
CAPÍTULO 4	37
A BRANQUITUDE COMO PRIVILÉGIO NOS MOVIMENTOS FEMINISTAS! O LUGAR DA MULHER BRANCA NA LUTA POR IGUALDADES RACIAIS E DE GÊNERO	
<i>Rafaela Mezzomo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906094	
CAPÍTULO 5	48
A INSTAURAÇÃO CÊNICA “CORPO LIVRE”	
<i>Tiago Herculano da Silva</i>	
<i>Nara Graça Salles</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906095	
CAPÍTULO 6	60
A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO: ANÁLISE DE PROCESSOS CRIMINAIS	
<i>Valdemir Paiva</i>	
<i>Claudia Priori</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906096	

CAPÍTULO 7 70

A PESSOA TRAVESTI E A/O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM: PERCEPÇÃO DE HUMANIZAÇÃO E DO RESPEITO À EXPRESSÃO E IDENTIDADE DE GÊNERO

Carle Porcino
Cleuma Sueli Santos Suto
Dejeane de Oliveira Silva
José Andrade Almeida Junior
Maria Thereza Ávila Dantas Coelho
Jeane Freitas de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.0961906097

CAPÍTULO 8 85

A PRÁTICA RECREATIVA DO *MOUNTAIN BIKE* NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: LAZER, NATUREZA E DOMÍNIO DOS HOMENS

Fabiana Duarte e Silva
Francielle Pereira Santos
Ludmila Nunes Mourão
Marília Martins Bandeira

DOI 10.22533/at.ed.0961906098

CAPÍTULO 9 95

A SAÚDE DO HOMEM NA PERSPECTIVA DA SEXUALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alana Maiara Brito Bibiano
Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral
Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório
Nívia Madja dos Santos
Roberto Firpo de Almeida Filho
Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.0961906099

CAPÍTULO 10 102

AÇÕES DE PROMOÇÃO À SAÚDE DE UMA EQUIPE INTERDISCIPLINAR EM UM GRUPO DE HOMENS: O DESPERTAR PARA O AUTOCUIDADO

Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório
Alana Maiara Brito Bibiano
Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral
Roberto Firpo de Almeida Filho
Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060910

CAPÍTULO 11 107

NA FRONTEIRA ENTRE A FEMINILIDADE E A MASCULINIDADE: MULHERES E AS TENSÕES DOS PADRÕES DE GÊNERO NA FÍSICA

Kariane Camargo Svarcz

DOI 10.22533/at.ed.09619060911

CAPÍTULO 12 119

ECONOMIA SOLIDÁRIA: ECONOMIA DE MULHER?

Maria Izabel Machado

DOI 10.22533/at.ed.09619060912

CAPÍTULO 13	135
EDUCAÇÃO E CINEMA: DEBATES SOBRE SUJEITOS SOCIAIS, FEMINISMOS E CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES	
<i>Lucas Leal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060913	
CAPÍTULO 14	152
E AGORA EDUCADOR/A? O WILLIAM PEGOU MINHA BONECA PARA BRINCAR!	
<i>Guilherme de Souza Vieira Alves</i>	
<i>Marcia Cristina Argenti Perez</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060914	
CAPÍTULO 15	162
ENTRE A ESCRAVIDÃO SEXUAL E O ESTUPRO: UMA ANÁLISE DA PROSTITUIÇÃO COMO INSTRUMENTO DA DOMINAÇÃO MASCULINA	
<i>Caroline dos Santos Coelho</i>	
<i>Alessandra Benedito</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060915	
CAPÍTULO 16	171
ESCOLA SEM PARTIDO E EDUCAÇÃO SEM CRITICIDADE: A QUEM SERVE?	
<i>Lana Cláudia Macedo da Silva</i>	
<i>Ana de Luanda Borges Braz da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060916	
CAPÍTULO 17	178
ESCRITAS DE SI E POLÍTICAS DE AGÊNCIA: ARTEVISMOS POÉTICOS DE MULHERES NEGRAS	
<i>Anni de Novais Carneiro</i>	
<i>Laila Andresa Cavalcante Rosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060917	
CAPÍTULO 18	185
EXPOSTAS À VIOLÊNCIA POR SEREM MULHERES E AMAREM DEMAIS	
<i>Paula Land Curi</i>	
<i>Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060918	
CAPÍTULO 19	194
EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO VIVIDAS POR MULHERES ACOMPANHANTES DE DOENTES ONCOLÓGICOS	
<i>Eduardo da Silva</i>	
<i>Marlene Tamanini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060919	
CAPÍTULO 20	206
FEMINILIDADE E CÂNCER DE MAMA: O QUE PODE A MULHER?	
<i>Aline Barrada de Assis</i>	
<i>Fabírcia Rodrigues Amorim Aride</i>	

DOI 10.22533/at.ed.09619060920

CAPÍTULO 21 219

GÊNERO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ÁREA DE SERVIÇO SOCIAL

Ângela Kaline da Silva Santos

Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida

Lucicleide Cândido dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060921

CAPÍTULO 22 230

NEGAÇÃO AO ACESSO AO ABORTO: PODER E VIOLÊNCIAS

Ivana Maria Fortunato de Barros

Paula Land Curi

Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060922

CAPÍTULO 23 242

PRÁTICAS EDUCATIVAS FEMINISTAS COMO SUBSÍDIO AO ENFRENTAMENTO À CULTURA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Ângela Maria Simão Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.09619060923

CAPÍTULO 24 252

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA

Jussara Silva da Costa

Polena Valesca de Machado e Silva

DOI 10.22533/at.ed.09619060924

CAPÍTULO 25 264

DISCUSSÕES ACERCA DO DISCURSO MIDIÁTICO CONTEMPORÂNEO: A FABRICAÇÃO DO CORPO MAGRO NA REVISTA ANAMARIA

Suélem do Sacramento Costa de Moraes

Bárbara Hees Garré

DOI 10.22533/at.ed.09619060925

CAPÍTULO 26 271

SEXUALIDADE E ESCOLA: O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL A PARTIR DA PSICANÁLISE

Jaqueline Tubin Fieira

Franciele Lorenzi

Giseli Monteiro Gagliotto

DOI 10.22533/at.ed.09619060926

CAPÍTULO 27 283

NEM CAPRICHOS, NEM BELEZA: REFLEXÕES SOBRE ARTE E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Francielen Leandro Apolinário

Evelly Paat Sampaio da Silva

Elisângela Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060927

CAPÍTULO 28 291

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EJA SOBRE O AUMENTO DA INFECÇÃO DO VÍRUS HIV

Evaldo Batista Mariano Júnior

Maria Aparecida Augusto Satto Vilela

Valeska Guimarães Rezende da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.09619060928

CAPÍTULO 29 311

UM BREVE PERCURSO SOBRE A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER

Libna Pires Gomes

Paula Land Curi

Ivana Maria Fortunato de Barros

DOI 10.22533/at.ed.09619060929

CAPÍTULO 30 321

SUBJETIVIDADE LÉSBICA: A SUTILEZA LEGITIMADA PELO SILÊNCIO SOCIAL

Mariluce Vieira Chaves

DOI 10.22533/at.ed.09619060930

CAPÍTULO 31 331

VAMOS COMBINAR? ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS – UMA EXPERIÊNCIA EM MANAUS

Daniel Cerdeira de Souza

Tirza Almeida da Silva

Sônia Maria Lemos

Eduardo Jorge Sant'Ana Honorato

DOI 10.22533/at.ed.09619060931

CAPÍTULO 32 336

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO BRASILEIRO, EM PAÍSES EUROPEUS, ASIÁTICOS E LATINO - AMERICANOS

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Valquiria Nicola Bandeira

Carlos Simão Coury Corrêa

Andreza de Souza Fernandes

Carlos Simão Coury Corrêa

Isabel Cristina Correia Cruz

Fernando Sabchuk Moreira

Ana Paula Sabchuk

DOI 10.22533/at.ed.09619060932

CAPÍTULO 33 348

VELHICE E SEXUALIDADE: UM ESTUDO SOBRE A SÉRIE “GRACE AND FRANKIE”

Fabíola Calazans

Vanessa Santos de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.09619060933

CAPÍTULO 34	360
O MASCULINO E O FEMININO: DOS CONCEITOS FILOSÓFICOS AO CAPITALISMO FALOCÊNTRICO	
<i>Fabiana Nogueira Chaves</i>	
<i>Maurício Pimentel Homem de Bittencourt</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060934	
CAPÍTULO 35	370
GÊNERO E DIAGNÓSTICO EM SAÚDE MENTAL: QUE RELAÇÃO É ESSA?	
<i>Muriel Closs Boeff</i>	
<i>Tatiana Souza De Camargo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060935	
CAPÍTULO 36	376
LILITH E EVA: AS DUAS MULHERES ANTAGONICAS NO SISTEMA RELIGIOSO	
<i>Bruno Schwabenland Ramos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060936	
CAPÍTULO 37	387
O CORPO DO BRASIL NO JOGO DA VIDA	
<i>Lucia Maria Felipe Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060937	
SOBRE A ORGANIZADORA	401
ÍNDICE REMISSIVO	402

NA FRONTEIRA ENTRE A FEMINILIDADE E A MASCULINIDADE: MULHERES E AS TENSÕES DOS PADRÕES DE GÊNERO NA FÍSICA

Kariane Camargo Svarcz

Mestre em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Professora da Rede Municipal de Ensino de Rio Bonito do Iguaçu/PR.
Laranjeiras do Sul, Paraná.

RESUMO: Para muitos/as, a participação feminina na ciência é vista como algo consolidado e resolvido. Porém, a presença de mulheres em algumas áreas ainda sofre resistências, e sua representação quantitativa permanece tímida. Algo hegemônico no Brasil e fora dele, essa situação ocorre na Física. Muitas pesquisas, provenientes de várias áreas de conhecimento, questionam a baixa representação feminina na Física e buscam encontrar justificativas para isso. Na UFSC, embora atualmente a representação quantitativa das mulheres na física tenha aumentado, os números permanecem numa faixa de 20%, quando que em outras áreas de conhecimento científico a participação feminina é a que predomina. Nesse trabalho, através de fontes quantitativas e orais, será exposto a situação presencial das mulheres na Física na UFSC, de 2000 a 2010, exibir e problematizar as falas dessas personagens que acham-se arroladas nesse curso. Será facilitado ao debate os desafios,

anseios e entraves que permeiam o cotidiano das estudantes de física, e verificado sob quais condições elas ocupam esse “outro” lugar. Muitas vezes, precisam vestir um outro corpo, e se roupar de modos de ser menos *feminilizados*, para tornarem-se e sentirem-se parte do grupo, que hegemonicamente é masculino.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; Ciência; Gênero; Masculinidade e Feminilidade; Física.

AT THE FRONTIER BETWEEN FEMININITY AND MASCULINITY: WOMEN AND THE TENSIONS OF THE STANDARDS OF GENDER IN PHYSICS

ABSTRACT: For many people, the women’s participation in Science seen as consolidated and solved. However, the presence of women in some areas still suffers resistance and their representation remains limited. Something hegemonic in Brazil and in other countries, this situation happens in Physics. Many searches developed in several areas, question the low representativeness of women in Physics and have sought justifications for this. At the Federal University of Santa Catarina (UFSC), nowadays the quantitative representations of women in Physics has increased, the data show circa 20%, while in others areas of science the women’s participation are predominant. This paper analyse a women’s representativeness in Physics at UFSC from 2000 to 2010, by means

of quantitative and oral sources, know the speeches of women who participated in this university course. The challenges, wishes and obstacles, that permeate the daily life of Physics women students will be presented to the debate, and verified under what conditions they

Occupy this “other” place. Often they need to put on another body, and clothe themselves in ways of being less feminized, to become and feel part of the group, which is hegemonically male.

KEYWORDS: Women; Science; Genre; Masculinity and Femininity; Physics.

1 | INTRODUÇÃO

Excluídas da Ciência sem nenhuma outra razão além do seu sexo, as mulheres têm sua história na Ciência obscurecida e desacreditada. Hoje, é bem verdade que encontramos com facilidade mulheres em diversas áreas acadêmicas e científicas nas universidades, no Brasil e fora dele. Em alguns departamentos, seu número chega a ser bem maior do que o número de homens.

Mas, será que poderíamos cogitar numa superação das desigualdades de gênero que permeou os campos científicos em seu desenvolvimento e formação? Muitos pensariam que sim. No entanto, nesse texto apresento alguns dados que podem revelar a permanência de padrões de gênero resistindo no interior de algumas áreas científicas.

Através de dados obtidos junto à base de currículos lattes, em 2013, foi possível verificar que no Brasil, na distribuição de pesquisadores por sexo e grande área de atuação, as mulheres predominam nas áreas de Ciências Humanas, expressivamente, nas Ciências da Saúde e nas Ciências Biológicas. Os homens, por sua vez, predominam nas Ciências Exatas e da Terra e nas Ciências Agrárias, liderando as áreas da Engenharia.

O que tem levado as mulheres a permanecerem fora de certas áreas científicas? O que tem levado as mulheres a permanecerem fora da Física?

Em pesquisa realizada por mim, a respeito dessa diminuta presença de mulheres na Física, verifiquei que na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, com sede em Florianópolis, a presença feminina na Física não tem sido superior a 22% em relação à presença masculina. Levando em consideração que a UFSC é uma universidade tradicional no Brasil, e que muitos dos seus cursos aguçam o interesse de jovens de diversas localidades do país, não se poderia deixar de avaliar a atuação das mulheres na Física, pois acredita-se que a presença ou ausência das mulheres nas ciências demarca a superação ou a manutenção das desigualdades de gênero na sociedade.

Mulheres e homens aprendem na infância a reconhecer e a ocupar seus lugares na sociedade. Nossos corpos, nossos destinos, as escolhas que fazemos escapam de nosso controle e recebem influência, direta ou indiretamente, das instituições

sociais (família, escola, igreja, mídia, ciência), que atuam em uma complexa rede de produção de saberes e de normas, determinando quem somos, nosso gênero, nossa identidade. (SCOTT, 1995).

Meninos e meninas, estimulados desde a infância, pela mídia, escola e outras instituições sociais, desenvolvem desde cedo interesses distintos. As áreas científicas, dentre elas, em especial, as Exatas, foram normatizadas pelas diferentes instituições como área que historicamente devem ser praticadas por homens.

A partir da análise da fala de duas estudantes do curso de Bacharel em Física da UFSC, que fizeram parte de entrevista-semiestruturada, e que abordaram questões referentes a sua rotina na academia, aos desafios enfrentados ao longo de sua formação, o artigo aponta algumas evidências de resistência aos padrões de gênero que permeiam a Física em tempo presente.

O objetivo dessa pesquisa foi compreender como as jovens tem se sentido como mulheres em um ambiente consagrado historicamente como masculino, em uma área de grande prestígio intelectual, caracterizada como uma ciência dura ou *hard*.

2 | METODOLOGIA DE PESQUISA E ABORDAGENS TEÓRICAS

Essa pesquisa adentra nas preocupações de História do Tempo presente. É importante ressaltar que o Tempo Presente insere-se no campo historiográfico não apenas como recorte cronológico, mas toma a própria temporalidade como um objeto de reflexão, trazendo à tona operações metodológicas que caracterizam o historiador do Tempo Presente. Para Dosse:

A noção de História do Tempo Presente remete a uma noção que é ao mesmo tempo banalizada, controversa e ainda instável. Ela implica em uma reflexão sobre o tempo, que foi durante longa data o impensado da disciplina histórica. (DOSSE, 2012).

Nesse presente sobre o qual se debruça, os fatos não se apresentam linearmente, estão “esparramados” e desconectados uns dos outros, carentes de significado. O historiador, por sua vez, necessita inseri-los no processo histórico, analisando as rupturas e as continuidades.

A História do Tempo Presente encontra-se na interseção do presente e da longa duração. Os historiadores do Tempo Presente analisam as pendências que restam do passado e que persistem no hoje, objetivando contribuir na solução dessas pendências, quitando-as, favorecendo a abertura de uma realidade melhor.

Nas representações correntes acerca do cientista, “a” cientista poucas vezes aparece. Assim, a contribuição desse texto é reafirmar a existência de mulheres na Ciência, mostrar o trabalho que elas executam, dar visibilidade e voz às suas experiências, expectativas e frustrações, devolvendo sua imagem à sociedade.

A desigualdade de gênero no mercado de trabalho e nas ciências é um problema

ainda por se resolver. Mesmo que as mulheres não sejam barradas nas universidades por vias de leis, são tampouco incentivadas para adentrar nos campos científicos e tecnológicos, seja pela sua família, pela educação recebida, enfim. Ademais, no interior desses campos, para aquelas que adentram nesses lugares, as restrições vão ocorrendo de forma silenciosa e mascarada, tornando as mulheres *outsiders* nessas áreas. (LOMBARDI, 2005).

Para Koselleck (2014), a sociedade contemporânea contém estruturas que não são inerentes apenas a ela, mas que provém de uma longa duração. Funcionam como constelações que se repetem, com a persistência de atitudes e credos arcaicos. Koselleck propõe uma outra concepção de tempo, não linear nem singular, mas uma constelação, onde regularidades, sequências, duração, repetição, rupturas e descontinuidades se misturam.

O mundo científico alterou consideravelmente após 1960, no Brasil. Várias áreas, como a Física, Química e as Engenharias, sofreram algumas alterações, motivadas pelas pressões sociais, econômicas e políticas, que acabaram favorecendo a entrada das mulheres nessas áreas. Contudo, a Ciência era concebida no masculino, sendo as mulheres não excluídas desses campos, mas inviabilizadas de competir com igualdade com os homens.

O conceito de gênero, fundamental nesse trabalho, indica que a formação de homens e mulheres se dá em uma dimensão relacional, e ambos se definem mutuamente, numa relação de reciprocidade, de modo que ambos não podem ser entendidos se analisados isoladamente. Quando se trata de uma construção histórica de homens e mulheres, tal categoria torna-se importante ferramenta, pois questiona as construções sociais, culturais, histórica, das relações de poder e saber na sociedade. Nessa perspectiva, gênero não se dá sob uma matriz biológica, dada a priori, fixa e imutável. Gênero e sexo, são, portanto, categorias discursivas, culturais, produzidos pelos conflitos entre o poder e o saber. (SCOTT, 1995).

Os procedimentos metodológicos desenvolvidos durante a pesquisa constituíram na coleta de dados quali-quantitativos acerca do número de mulheres constando nas relações de matriculados em Física da UFSC, dentre 1980 a 2010, e do número de mulheres constando nas relações de concluintes nesse período.

Os dados de uma pesquisa quali-quantitativa permitem diálogos interdisciplinares e documentam como é recíproca a relação entre o gênero e a ciência, alterável ao passar do tempo. Esses dados fornecem uma medida objetiva do status da mulher na ciência e na tecnologia, deixando em evidências sinais de discriminação visível e invisível nesse meio de trabalho. (SHIENBINGER, 2001).

Além dos dados quali-quantitativos, essa pesquisa apoia-se num trabalho de história oral, com a finalidade de conhecer melhor o trabalho científico, as relações entre os/as cientistas, nessa universidade. É através de suas narrativas que os sujeitos constroem suas histórias, dando sentido aos fatos, a quem são e a quem são os outros, constituindo sua própria identidade. A investigação narrativa permite

a utilização de diversos meios para a produção dos dados narrativos. (LARROSA, 1996).

Dessa forma, esse trabalho foi desenvolvido através de entrevistas semi-estruturadas com quem se formaram em Física na UFSC e seguiram carreira nessa área, na UFSC ou fora dela, seja como docentes no ensino médio, como pesquisadoras e docentes no ensino superior e ainda como estudantes que se encontravam nas etapas finais do curso. O objetivo era fazer um contraponto de percepção de geração distintas em relação às vivências femininas na Física.

A pedido das entrevistadas, não será divulgado os nomes reais das mesmas, conforme estabelecido no Termo de Consentimento Livre. Assim, os nomes elencados são fictícios.

3 | A FÍSICA NÃO É DIFÍCIL DEMAIS PARA AS MULHERES? SOBRE AS CULTURAS DAS CIÊNCIAS

“Você faz Física? Nossa, então você deve ser muito inteligente!”.

Cristina é estudante do curso de Física, na modalidade Bacharel, e encontrava-se no momento da entrevista, que foi realizada em abril de 2016, em processo de seleção para o mestrado. Se encaminhava também para as últimas etapas de sua graduação.

Conversando com ela sobre suas vivências na Física, uma questão que fiz a ela versava sobre a reação das pessoas em relação à sua profissão. Segundo ela, o argumento acima exposto têm sido um dos mais ouvidos pelas pessoas que fazem Física, e que tal concepção incomoda.

Para ela, essa maneira de pensar retira todo o peso de estudos e trabalho que os estudantes de Física dedicam para aprenderem os conceitos de Física, as fórmulas e os processos de resoluções de problemas. Todo esse processo é de tensão e dedicação, e a ideia de que quem faz Física seria muito inteligente esconde a batalha pela construção do conhecimento. Ainda, traz à tona a antiga concepção de que somente os mais geniais podem ser cientistas e Físicos, retirando o valor da boa vontade, dedicação e disciplina que são essenciais para quem se direciona para esse tipo de atuação. Além disso, esse preconceito reforça a imagem da Física como masculina, bem como os estereótipos já divulgados nas mídias, de que cientistas são pessoas essencialmente inteligentes.

Existem várias representações de cientistas como pessoas incrivelmente inteligentes e esquisitas em nossa sociedade, de modo que muitas garotas não querem ser cientistas para não serem rotuladas dessa forma. Há muito tempo que se conceitua inteligência de forma negativa, como que se a pessoa for muito inteligente, haverá outras carências nela, como falta de habilidade para fazer amizade, para amar, para ser bem sucedido na vida social. (SHINBINGER, 2001). Em alguns

filmes como “Tá chovendo hambúrguer I e II”, lançado pela Sony Pictures em 2009, produção recente, encontra-se esses estereótipos de cientistas elencados acima. As meninas cientistas são sempre comparadas com as garotas “normais”, e se ganham dessas em inteligência, perdem em beleza, estilo, relações sociais e comunicação. Essas normatizações têm desestimulado as garotas para a Ciência e a Tecnologia. (CARDOSO, 2016).

A Ciência tem culturas e subculturas. Uma cultura é mais do que instituições regulamentando corpos e governando uma profissão. Consiste em valores e normas não formais, mas que ditam a vida de seus membros. A Física tem culturas identificáveis cujos costumes e modos de pensar se desenvolveram ao longo do tempo e tomaram forma na ausência das mulheres e em oposição à sua presença. Para a historiadora Londa Shienbinger (2001), as mulheres na Física vivem em dois mundos, o da Ciência e o da condição feminina. Em cada um, as expectativas e atuações são muito diferentes. O que é sucesso em um pode ser fracasso em outro.

No universo científico moderno, foi elaborado um código de comportamentos e atividades identificadas como masculinas. Nesse esquema, a feminilidade apresentava um conjunto de qualidades antitéticas ao *ethos* da Ciência. As virtudes ideais da feminilidade eram pensadas como erradas para a prática científica. Alguns cientistas chegaram a apresentar teorias com base empírica provando que as mulheres não teriam habilidades naturais para a ciência. (SARDENBERG, 2012).

Um pavor geral da representação feminina nos espaços públicos passou a justificar as relações de gênero a partir das condições biológicas da mulher, deixando-a refém de sua condição corporal. Enquanto o homem era entendido como mais racional, livre de suas necessidades biológicas, apto para o abstrato e para as questões espiritualmente mais elevadas, as mulheres, carentes de genialidade, eram propensas à atividades domésticas, práticas e manuais. Não eram capacitadas para o pensamento criativo, e eram incapazes de se desatar das coisas corriqueiras e materiais para se dedicar aos assuntos das ciências e desenvolver sua mente.

A Física permanece masculinizada, porque no interior do seu campo há uma divisão muito clara de gênero por áreas, sendo que as meninas acabam sendo direcionadas para as áreas experimentais, e os rapazes, desdenhando essas áreas, ficam nas áreas teóricas, difíceis e abstratas, consideradas as de mais alto prestígio, por produzirem “o verdadeiro conhecimento científico”, conforme relato das entrevistadas. Flávia, que cursava o 7º período do curso de Física, revelou que as meninas, quando elogiadas, não eram elogiadas enquanto meninas: “Você é tão inteligente que nem parece uma menina”. (Flavia. Entrevista concedida a Kariane Svarcz. Florianópolis, abril de 2016).

Segundo a estudante, comentários assim não eram raros nas salas de aula e nos laboratórios, onde era comum ouvir brincadeiras proferidas por professores, especialmente os mais velhos, dizendo coisas como “se as meninas tiverem alguma dúvida perguntem aos meninos”, ou “isso você consegue fazer, é só mexer a panelinha”

e ainda “as louças as meninas lavam”. Para evitar constrangimentos maiores, as meninas não enfrentam essas piadinhas e procuravam levar na brincadeira. (Flavia, Entrevista concedida a Kariane Svarcz. Florianópolis, abril de 2016).

Cristina comentou que da parte dos colegas mais jovens havia pouca resistência à presença feminina, e as relações com eles eram tranquilas. Porém, era comum o silenciamento das alunas nos laboratórios:

Eles duvidam que você seja capaz de dizer algo útil, eles duvidam que você possa estar certa sobre determinado problema. Você fala, mas eles não ouvem, ou acabam te ignorando. (Cristina, Entrevista concedida a Kariane Svarcz. Florianópolis, abril de 2016).

Alguns pesquisadores têm investigado sobre esse silenciamento das mulheres nas Ciências. Foi detectado que as mulheres, em laboratórios, permanecem em uma situação passiva, sendo que apenas os homens falavam. Na disputa da liderança de um laboratório, esse é um fato emblemático, onde a voz autorizada é a dos homens. (KLANOVICZ, 2016).

Importantes contribuições científicas vieram de mulheres, que sequer são citadas na academia. Esse é uma forma de reduzir as mulheres cientistas, ao negligenciar suas contribuições para as suas áreas. Na maioria dos casos, as mulheres acabam apagadas, pouco lidas na academia, sendo que os nomes que aparecem nas bibliografias de planos de aula costumeiramente são os dos homens (SOMBRIO, 2014). Denota-se, portanto, que nessas áreas científicas, as vozes femininas ainda requerem legitimidade.

O silenciamento das mulheres na Física se dá de diversas formas. Ele ocorre através das piadas, quando se leva a pessoa ao descrédito, e esse segue sendo um modo indireto de silenciar alguém. Ele aparece quando não se reconhece o trabalho das mulheres, quando as recompensas são sempre dadas aos homens, pois a distribuição de prêmios científicos não é neutra em relação ao gênero, consagrando como grandes e importantes apenas os homens. O silenciamento aparece ainda quando as mulheres são deslegitimadas, chamadas de históricas, quando tentam resistir às injustiças e lutar por seus direitos, na academia e fora dela.

4 | MULHERES NA FÍSICA NA UFSC: SITUAÇÃO PRESENCIAL

A partir dos dados coletados acerca da distribuição de gênero no Centro de Física da UFSC, com base nas matrículas e relações de egressos, verificou-se que a situação quantitativa das mulheres na Física nessa universidade não era discrepante da situação elencada por outros pesquisadores.

Mesmo que a partir dos anos 2000 mostre-se um aumento da presença feminina na ciência em geral, e também na Física, denota-se que a quantidade de mulheres na Física permanece muito abaixo da participação masculina, não ultrapassando o

limite de 20% do total.

Desde os primeiros anos de funcionamento do curso de Física na UFSC, o que ocorreu em fins da década de 1960, a área já contava com a presença de mulheres, ainda que em números pequenos e isolados. Algumas delas se tornaram importantes nomes na física, como a já falecida Erika Zumermann, uma das primeiras mulheres a se graduar em Física na UFSC, que se tornou importante professora e pesquisadora da Universidade de Brasília - UNB. Dessa forma, não se poderia considerar que as mulheres estiveram ausentes da Física.

Entretanto, considerando que as mulheres, atualmente, são a maioria nas universidades, o fato de na Física serem a minoria indica para a persistência de padrões de gênero estruturando a área.

Por outro lado, as fontes orais sinalizaram para algumas questões que não têm incentivado a entrada ou a permanência dos jovens, tanto homens como mulheres, na Física. A ênfase quase que absoluta do ensino de Física em teoria ou a pouca ênfase em Física Experimental, a irrelevância do profissional de física no mercado de trabalho, desestabilizam os interessados pela área. Ficam apenas aqueles que têm disponibilidade e interesse em seguir carreira acadêmica na área. Pessoas com outros perfis acabam migrando para outras áreas afins, como as da Engenharia.

Dessa forma, percebe-se que certas peculiaridades do curso de Física reduzem as expectativas dos candidatos à área, e isso independe do gênero. No interior de seus muros, a Física exclui e seleciona os perfis que melhor se adaptam aos seus padrões de funcionamento.

5 | A INSERÇÃO DAS MULHERES NA FÍSICA: VIVENDO EM DOIS MUNDOS

“Onde você vai tão arrumada desse jeito?”

Parte-se da perspectiva de que não há na sociedade um tipo único de ideal de masculinidade. Não só os homens buscam atingir esses ideais, mas as mulheres, que uma vez inseridas em um ambiente masculino onde se exalta determinado padrão de masculinidade, também buscam construir-se de acordo com ele. (CONNEL, 2013).

Dessa forma, para sentirem-se parte do grupo, as mulheres reveem se a feminilidade “cabe” naquele grupo, naquelas relações sociais ou não. Se não cabe, buscam construir outro perfil mais próximo ao consagrado no ambiente.

As masculinidades são configurações de práticas realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular, sendo elas, portanto, plurais. As mulheres podem, em determinados momentos, se apropriar de aspectos da masculinidade hegemônica, tornando-se, ainda que constituídas em meio às relações de poder como grupos subalternos, agentes definidores dos cursos das novas condutas, tornando as relações de gênero

e sociais bastante dinâmicas. (CONNEL, 2013).

Nas entrevistas, as alunas enfatizaram um outro tipo de identidade feminina construída na Física. Para essas mulheres, há alguns valores consagrados na área que cobram das mulheres um perfil feminino que elas consideram distinto do perfil “normal”, encontrado em muitos outros cursos, em que citaram as áreas da Saúde e da Educação, como exemplo. Trata-se de um estilo, um jeito de se arrumar, de se vestir e se embelezar considerado mais simples, confortável, menos feminino e mais sério. Esse seria o estilo que se sobressai entre as mulheres na Física, criado paralelamente aos perfis já existentes na área.

Na cultura ocidental, nas representações sobre a feminilidade, a mulher aparece sempre de maquiagem, salto alto, cabelos bem escovados e longos, sedosos e soltos, roupas graciosas, que servem para alegrar e embelezar os ambientes e a vida dos homens. O visual mais prático e simples, menos elaborado, foi relegado aos homens. As meninas na Física, já adaptadas a uma outra performance de gênero, precisam lidar com as cobranças de familiares e conhecidos por conta desse estilo pouco feminino.

Mas, se por um lado as meninas da Física se incomodam com esses rótulos socialmente construídos em torno da imagem das “garotas inteligentes” como “pouco femininas”, por outro demonstram identificação com esse perfil considerado simples e confortável. Para elas, pessoas focadas, com questões relevantes para se ocupar, não tem tanto tempo para caprichar no visual, que seria futilidade. “Nós temos outros interesses e outras preocupações que as outras meninas de outras áreas não têm”. (Cristina. Entrevista concedida a Kariane Svarcz, abril de 2016).

Percebe-se nessas estudantes a necessidade de deixar marcado um perfil de meninas na física, próximo ao perfil já existente sobre meninos de física. É o que Butler (2008) chama de performance de Gênero, que pode se dar em qualquer corpo, produzindo efeitos como estilização dos corpos, dos gestos e comportamentos que criam a ilusão de um eu marcado pelo gênero. Assim, os membros de uma determinada cultura, a partir das relações estabelecidas no cotidiano de trabalho, acabam imitando os demais, com ou sem intenção. Nessa perspectiva, gênero se dá pela repetição de normas que podem ser transgredidas, imitadas ou parodiadas. Se o estilo dos físicos é considerado “mais simples”, com o uso de camisetas de super-heróis, bermudas e chinelos, o das físicas não está tão distante, mas não é exatamente igual, de modo que não implica considerar uma masculinização das meninas da física.

O que se entende por feminilidade hoje é estar antenado à moda. Mas na Ciência, os cuidados demasiados com a aparência parecem ser dispensáveis. Em contraponto, as meninas da Física são bastante criticadas por deixar de lado a sua feminilidade. Os colegas fazem piadas em relação ao visual das colegas, porém cobram delas quando essas apresentam-se de uma forma mais “ajeitada”.

Você precisa se vestir num meio termo. Tem que encontrar um estilo que não

chame a atenção para a sua feminilidade. Você tem que (sic) passar despercebida. Quanto mais despercebida for, melhor. Se você vem de vestido, eles olham e ficam questionando: Nossa, onde você vai? Ou: “Nossa, é você mesmo?”. E não é esse tipo de atenção que você quer. (Cristina. Entrevista concedida a Kariane Svarcz, 2016).

Denota-se que para sobreviver nessa arena, é necessário esconder a feminilidade e todos os traços que se pensa ser originário dela. Em outros ambientes, Cristina afirmou explorar mais ‘seu lado feminino’, mas no ambiente acadêmico opta por manter a discrição, não apenas por temer assédios, mas porque reconhece que chama a atenção dos colegas para seu gênero e corpo. Nos laboratórios, salas de aula e outros ambientes de trabalho, quanto menos demonstrar que é mulher, quanto menos deixar aparecer o seu “eu mulher”, melhor.

Uma das físicas mais reconhecidas no mundo todo, Marie Curie, em seu tempo, foi bastante criticada por apresentar-se sempre vestida de modo que não realçava a sua feminilidade, com roupas simples e escuras e com um penteado simples, demonstrando ser feito às pressas (MONTERO, 2013).

Denota-se que as mulheres permanecem sendo cobradas por sua aparência, e permanecem com o selo decorativo nos ambientes onde se encontram. Ainda que tenham conquistado espaço em ambientes masculinos, o estereótipo antigo ainda as persegue e parece ser difícil de desconstruí-lo.

A resistência à sua participação no mundo científico pode ser percebida de várias formas: na distribuição de bolsas, na oferta de cargos comissionados em instituições públicas, no convite à parcerias de laboratórios e publicações, viagens no exterior, enfim. Porém, piadas acerca de sua aparência, cobranças em torno da ideia consagrada de feminilidade, assédio sexual são mais alguns dos fardos que pesam sobre os ombros daquelas que escolhem áreas masculinizadas para estabelecer uma carreira profissional.

Para se reafirmar e permanecer nesses ambientes, as mulheres abrem brechas e encontram saídas, contornando os obstáculos de modo que lhes seja favorável e propicie seu encaminhamento na área. Porém, cabe dizer que embora as mulheres tenham conquistado o direito à escolha de sua profissão com muito mais liberdade que suas antepassadas, velhas questões ainda vêm à tona, para pesar suas rotinas, como a questão do preconceito de gênero e dos estereótipos que rondam as áreas de trabalho, que lhes colocam uma série de cobranças e a necessidade de se reinventar, remodelar, para que seu sucesso seja alcançável.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem razões históricas que justificam a preferência das mulheres por determinadas áreas científicas que não a Física. Dentre essas razões, destaca-se a

representação difundida em torno da imagem do cientista moderno, a qual se refere a um homem cabeludo, desajeitado, louco, como a de Albert Einstein.

Parte das feministas tem se debruçado a desconstruir essa representação fabricada em torno do que define um cientista, propondo a reescrita da história com a participação de mulheres que fizeram ciência, pretendendo devolver à história parte da história das mulheres que ficou esquecida.

Os desafios para as mulheres que querem ser cientistas hoje são árduos. Além da falta de incentivos para seguirem em tais carreiras no Brasil, tanto governamentais, quanto familiares e educacionais, tendo em vista a baixa representatividade que cientistas e a ciência tem tido nesse país nos últimos momentos, para aquelas que adentram nessas áreas, especialmente em áreas tradicionalmente masculinas, as restrições vão ocorrendo silenciosamente e de forma mascarada. E várias pressões são impostas à rotina das mulheres.

Na física, além de serem frequentemente silenciadas e desautorizadas por colegas, as mulheres percebem a necessidade de se adaptar a algumas regras consagradas no ambiente, necessitando aturar vários comentários preconceituosos, em relação ao ser mulher e ser física ao mesmo tempo. Essa questão sinaliza para problemas de desigualdade de gênero nos ambientes que tem persistido, mesmo com os avanços das discussões feministas no universo acadêmico. A Física segue com uma face masculina, ancorada numa identidade masculina, excluindo de seus domínios personalidades que não querem ser encaixadas e adaptadas a seus modelos de funcionamento. Enquanto isso, a área da Física segue sendo para poucos, repercutindo em uma baixa representatividade na sociedade.

REFERÊNCIAS

AGRELLO, D. A.; GARG, R. Mulheres na Física: poder e preconceito nos países em desenvolvimento. **Revista Brasileira de Ensino de Física, Brasília** - DF, V. 31, n. 1, nov-abr, 2009.

BARBOSA, M. C.; LIMA, B. S. Mulheres na Física do Brasil: Por que tão poucas? E por que tão devagar? In YANNOULAS, S. C. **Trabalhadoras: Análise da feminização das profissões e ocupações**. Brasília: Abaré Editorial, 2013.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

COLLING, A. A construção história do feminino e do masculino. In STREY, M; CABEDA, S L.; PREHN, D. (orgs) **Gênero e Cultura: questões contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 13-38, 2004.

CONNEL, R; MESSERSCHIMIDT, J. S. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21 (1): 241:282, jan-abr, 2013.

DOSSE, F. História do Tempo Presente e Historiografia. In **Tempo e Argumento**, v. 4, n. 1, 2012.

KLANOVICZ, L.R.F. Para além do corredor rosa: a ciência à mão de meninas. In _____ MOREIRA, R. (Orgs). **Estudos de gênero em perspectiva**. Ponta-Grossa: ANPUH-PR, p. 123-150, 2016.

KOSELLECK, R. **Estratos do tempo: estudos sobre a história**. HEDIGER, M. (Trad.), Rio de Janeiro: Contraponto, PUC-Rio, 2014.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LARROSA, J. Narrativa, Identidad y desidentificación. In **La experiencia de la lectura**. Barcelona: Laertes, 1996, p. 461-482.

LOMBARDI, M. R. **Perseverança e Resistência: a Engenharia como profissão feminina**. Tese (doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Educação. Campinas, 2005.

MAFFIA, D. Crítica Feminista à ciência. In: COSTA, A. A. A; SARDENBERG, C. M. B (Orgs). **Feminismo, Ciências e Tecnologia**. Salvador: REDOR/NEIMFFCH/UFBA, pp, 25-38, 2002.

MONTERO, R. **La ridícula idea de no volver a verte**. Porto-Portugal: Porto Editora, 2013.

SHIENBINGER, L. **O feminismo mudou a Ciência?** São Carlos/SP: EDUSC, 2001

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In **Educação e Realidade**. Porto Alegre, 16 (2), jul-dez, 1995.

SOMBRIO, M. M. O. **Em busca pelo campo: Ciências, coleções, gênero e outras histórias sobre mulheres viajantes no Brasil em meados do século XX**. Tese (doutorado em Política Científica e Tecnológica) – Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Geociências. Campinas, 2014.

VELHO, L. PROCHAZKA, M. V. Mulheres na Ciência. No que o mundo da Ciência se difere dos outros mundos? **Revista ComCiência**, Campinas, 2013.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto 16, 19, 174, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 320, 337, 338
Amor 75, 98, 140, 177, 182, 185, 187, 189, 190, 192, 193, 201, 202, 204, 277, 278, 280, 313, 314, 318, 323, 326, 329, 339, 353, 354, 359, 380, 384, 385, 388, 390
Arte 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 65, 137, 144, 146, 175, 219, 220, 228, 229, 241, 279, 283, 284, 285, 286, 289, 290, 309, 353, 388, 390, 395, 399

B

Boneca 152, 153, 156, 159, 258, 262, 263

C

Capitalismo Falocêntrico 360, 362, 368

Comunicação 2, 8, 12, 18, 19, 24, 63, 73, 98, 112, 131, 146, 156, 245, 246, 247, 265, 269, 275, 283, 308, 310, 343, 347, 348, 358, 359, 360, 361, 362, 368, 369

Construção Social 71, 99, 254, 255, 320, 371

Corpo 9, 11, 14, 25, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 67, 68, 71, 76, 78, 82, 84, 92, 93, 94, 97, 107, 115, 116, 118, 138, 145, 155, 160, 167, 168, 174, 182, 203, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 228, 232, 233, 234, 241, 259, 264, 265, 266, 268, 270, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 284, 285, 289, 293, 294, 295, 298, 301, 303, 307, 311, 313, 314, 315, 317, 318, 319, 320, 325, 327, 328, 329, 338, 348, 349, 350, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359, 361, 371, 373, 374, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399

D

Diversidade Sexual 2, 22, 24, 174, 331, 332, 334, 335

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 35, 44, 58, 63, 77, 85, 88, 89, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 110, 115, 118, 135, 136, 137, 138, 140, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 160, 161, 163, 165, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 202, 218, 222, 226, 227, 228, 229, 238, 242, 243, 244, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 264, 265, 269, 271, 279, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 305, 309, 310, 315, 316, 318, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 358, 370, 388, 391, 394, 398
Enfermagem 70, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 97, 101, 192, 198, 217, 218, 309, 310
Escola 2, 4, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 32, 33, 34, 51, 70, 81, 109, 136, 140, 145, 146, 147, 151, 154, 160, 161, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 201, 223, 249, 250, 252, 253, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 272, 281, 282, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 298, 299, 301, 302, 304, 305, 306, 309, 310, 318, 324, 339, 341, 345, 347, 388
Ética 7, 10, 75, 81, 83, 84, 102, 199, 205, 218, 240, 272, 310, 313, 330, 337, 338, 341, 362, 382, 396

F

Feminilidade 72, 78, 107, 112, 114, 115, 116, 144, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218, 252, 254, 255, 311, 317, 364, 366

Feminino 20, 24, 38, 40, 41, 45, 46, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 72, 78, 79, 89, 99, 100, 104, 105, 115, 116, 117, 120, 121, 125, 126, 127, 129, 130, 133, 144, 149, 162, 170, 182, 188, 189, 191, 193, 195, 207, 208, 210, 215, 218, 221, 223, 225, 232, 233, 234, 237, 240, 241, 243, 245, 250, 253, 254, 255, 259, 267, 277, 279, 284, 285, 286, 288, 289, 292, 299, 311, 313, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 325, 328, 331, 332, 334, 335, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 383, 385, 387, 388, 389, 390, 393, 396, 397, 398

Feminismo 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 83, 117, 118, 134, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 150, 165, 167, 170, 179, 184, 221, 222, 224, 225, 228, 323, 330, 366, 367

Formação docente 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 23, 135, 136, 139, 144, 145, 147, 148, 254, 256, 257, 258, 259, 260

G

Gênero 11, 12, 15, 16, 17, 20, 22, 24, 25, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 55, 59, 60, 62, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 89, 93, 97, 98, 99, 101, 104, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 127, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 159, 160, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 200, 205, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 231, 232, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 272, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 292, 295, 299, 305, 307, 311, 316, 320, 322, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 340, 341, 342, 343, 347, 350, 361, 362, 364, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 375, 376, 377, 383, 384, 387, 388, 389, 397, 399

H

História da Educação 12

HIV 84, 100, 101, 198, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 334, 335, 336, 340

Homofobia 143, 174, 228

Humanização em Saúde 70

I

Identidade de gênero 55, 70, 71, 74, 77, 80, 81, 172, 221

Infância 4, 27, 31, 32, 33, 108, 109, 152, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 192, 203, 205, 249, 255, 256, 272, 273, 274, 281, 282, 324, 326, 332, 392

IST 96, 98, 99, 100, 101, 291, 293, 294, 295, 303, 305, 334, 335

J

Juventude 67, 226, 295, 296, 331, 335, 349, 350, 351, 352, 358

L

Ludicidade 152

M

Masculinidade 90, 96, 99, 100, 101, 107, 114, 117, 144, 152, 250, 252, 254

Masculino 20, 36, 41, 63, 66, 68, 71, 89, 91, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 109, 110, 114, 117, 128, 129, 130, 142, 143, 151, 152, 153, 159, 160, 162, 167, 169, 188, 189, 192, 193, 199, 223, 243, 250, 253, 254, 255, 259, 277, 279, 285, 288, 292, 299, 300, 318, 319, 322, 323, 328, 349, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 378, 380, 382, 383, 387, 388, 389, 390, 392, 396, 397

Mulher 20, 30, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 66, 67, 68, 72, 78, 79, 84, 91, 94, 96, 99, 110, 112, 115, 116, 117, 119, 127, 132, 134, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 174, 178, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 232, 233, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 257, 263, 267, 278, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 307, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 324, 325, 326, 335, 348, 349, 356, 358, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 390, 391, 392, 393, 396, 397, 398

Mulheres Negras 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 137, 138, 139, 140, 143, 147, 150, 151, 179, 180, 182, 183, 309, 314

N

Nudez 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59

P

Pedagogia 3, 4, 12, 23, 24, 25, 161, 171, 175, 177, 242, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258, 259, 264, 265, 281, 282, 376

Pessoa travesti 70, 77

Poder 11, 18, 26, 27, 28, 32, 35, 40, 43, 45, 46, 47, 49, 61, 63, 68, 82, 100, 110, 114, 117, 124, 126, 128, 129, 132, 142, 143, 144, 150, 155, 161, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 191, 192, 227, 230, 232, 233, 235, 239, 240, 255, 264, 266, 268, 269, 270, 284, 285, 287, 290, 311, 312, 314, 316, 318, 319, 320, 323, 328, 329, 350, 354, 365, 366, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 383, 384, 385, 387, 395

Psicologia 14, 25, 46, 84, 97, 161, 179, 182, 192, 205, 216, 217, 218, 226, 230, 282, 309, 310, 320, 347, 387, 389, 392, 399

R

Racismo 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 135, 136, 137, 146, 151, 178, 342, 343

S

Sexismo 37, 40, 41, 160, 178, 223

Sexo 1, 38, 40, 41, 61, 66, 68, 77, 83, 84, 91, 98, 101, 103, 104, 105, 108, 110, 118,

129, 130, 134, 143, 160, 164, 165, 167, 168, 169, 174, 185, 189, 223, 237, 240, 241, 250, 253, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 272, 273, 277, 279, 287, 292, 293, 294, 299, 300, 304, 305, 306, 307, 308, 313, 315, 317, 318, 319, 320, 322, 329, 336, 342, 354, 357, 358, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 369, 378, 379, 380, 382, 385, 388, 392, 393
Sexualidade 1, 2, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 50, 58, 71, 73, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 141, 143, 144, 153, 155, 157, 160, 162, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 177, 208, 210, 218, 223, 225, 228, 232, 233, 249, 251, 259, 261, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 307, 309, 310, 311, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 324, 325, 328, 329, 330, 337, 338, 339, 340, 341, 344, 347, 348, 349, 350, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 366, 368, 384, 393, 399

Subjetividade Lésbica 322, 325

V

Velhice 84, 316, 348, 349, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359

Violência 9, 11, 21, 29, 37, 40, 60, 61, 63, 64, 65, 68, 70, 79, 80, 84, 89, 93, 132, 134, 163, 167, 168, 176, 177, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 223, 226, 228, 230, 232, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 282, 283, 284, 287, 289, 290, 302, 314, 319, 320, 322, 323, 325, 330, 335, 342, 343, 345, 368, 371, 374, 375, 376, 377, 382, 384, 391

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-609-6

